

## O OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA E DA AUTO-ESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS NA ESCOLA

Cristiane Copque da Cruz\*

**RESUMO:** *Este trabalho pretende contribuir com as discussões sobre o processo de construção da identidade étnica e da auto-estima das crianças negras numa escola de ensino fundamental cujo projeto político pedagógico ousa ter como eixos norteadores a história e a cultura afro-brasileira. Buscamos compreender os significados da proposta dessa escola no processo de afirmação da identidade étnica das crianças negras, de acordo com a percepção das docentes responsáveis pelo trabalho pedagógico. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos norteadores da investigação: observar a compreensão das professoras sobre as relações raciais na sociedade; identificar os referenciais teóricos que dão suporte à prática das docentes e como os conteúdos referentes ao negro são trabalhados em sala de aula. A partir de uma pesquisa qualitativa, utilizamos a metodologia descritiva aliada a uma abordagem etnográfica de pesquisa em educação para a coleta e interpretação dos dados obtidos na escola escolhida como campo empírico. Os dados foram coletados através de entrevistas com as docentes e analisados com a técnica de Análise de Conteúdo. As considerações feitas nesse estudo nos mostram que ainda há muito que ser feito na busca por uma educação que promova a construção de uma auto-estima positiva e da identidade étnica das crianças negras a partir de uma pedagogia afrocentrada, deslocando os eixos epistemológicos, na tentativa de resgatar a contribuição dos povos africanos na construção do Brasil.*

**Palavras-chave:** Criança negra; Identidade étnica; Auto-estima.

### INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como tema a construção da identidade étnica e da auto-estima da criança negra na escola. Para realizarmos a nossa investigação, escolhemos como campo empírico uma escola de ensino fundamental cujo projeto político pedagógico contempla a cultura negra e as experiências vividas no contexto da negritude como eixos norteadores da produção pedagógica. Dessa forma, procuramos identificar nos relatos de cinco docentes que atuam em classes da alfabetização à terceira série a sua compreensão com relação ao processo de construção da identidade étnica e da auto-estima da criança negra no espaço escolar. Buscamos ainda identificar como essas professoras compreendem as tensas relações interétnicas que se desenrolam na sociedade, sua repercussão na educação através dos currículos escolares e os desafios e dificuldades que se colocam para a atividade docente comprometida com a problemática das relações étnico-raciais na escola.

Considerando toda a problemática que emerge na escola, quando se discute o processo de construção da identidade étnica e da auto-estima da criança negra na escola. Nesse estudo, procuramos refletir sobre as questões levantadas pelos atores que desejam construir um trabalho pedagógico diferenciado com relação ao tratamento dado ao negro no currículo. As categorias trabalhadas problematizam a prática docente comprometida com o enfrentamento à

---

\* Acadêmica do Curso de Pedagogia para Educação Básica do Departamento de Educação - Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: [tianecop2003@yahoo.com.br](mailto:tianecop2003@yahoo.com.br). Orientadora: Professora Delcele Mascarenhas de Queiroz, Doutora em Educação, Professora Adjunta do Departamento de Educação.

discriminação racial, sobretudo porque evidenciam pontos relevantes na discussão dessas questões, segundo o olhar das professoras inseridas nesse processo. Assim, vimos nesse trabalho a perspectiva de propormos mudanças nos currículos escolares, questionando, inclusive, a formação docente para o trabalho com a pluralidade étnica em sala de aula.

## DISCUSSÃO SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

Na história da formação da sociedade brasileira, o racismo esteve presente como uma justificativa da escravização dos povos africanos trazidos para o país a fim de servirem de mão-de-obra nas plantações canavieiras. O preconceito racial se explica através de tentativas pseudocientíficas<sup>1</sup> de atribuir ao tom de pele e às características fenotípicas uma suposta inferioridade humana desses povos. Nesse contexto, os africanos chegaram ao Brasil na condição de peças, coisas, mercadorias que poderiam ser comercializadas para satisfazer as necessidades dos senhores de engenho no trabalho agrícola, nas atividades domésticas, entre outras. Na condição de povo escravizado, estes povos sofreram todos os tipos de privações possíveis, desde a condição humana, já que eram tratados como peças, até os direitos civis como a educação.

A educação brasileira, por sua vez, ergueu-se para atender às necessidades da elite dominante, composta por brancos de origem européia. Dessa forma, os currículos foram e são organizados em torno do legado dos povos europeus nas mais diversas áreas do conhecimento. A partir disso, as referências aos demais povos, especialmente aos africanos, no texto curricular, são feitas de forma bastante pontual, carregada de representações negativas. Segundo Silva (1995a), a escola e os currículos escolares são responsáveis pela transmissão da ideologia dominante. Com isso, torna-se relevante destacar que é nesse ambiente que se iniciam as relações interpessoais que podem servir ou não de alavanca para o processo de construção de identidade étnica das crianças negras.

Sobre essa discussão, Cavalleiro (1999) ressalta que:

numa sociedade como a brasileira, na qual predomina uma visão preconceituosa historicamente construída a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. Isso nos leva a supor que uma imagem desvalorativa de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos possa ser interiorizada no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. (p.35)

Entretanto, para uma melhor compreensão sobre as consequências da interiorização pelos indivíduos de imagens negativas sobre os negros, faz-se necessária uma reflexão sobre como a criança negra constrói a sua identidade étnica na escola. Isso porque sabemos que a ideologia racial que inferioriza os negros se reproduz no espaço escolar através dos estereótipos negativos presentes na narrativa curricular e nos materiais didáticos. Dessa forma, ressaltamos a importância deste espaço como um local onde as representações negativas sobre ser negro ecoam nos conteúdos escolares e contribuem para a fragmentação da identidade da criança negra.

Segundo Silva (1995b),

<sup>1</sup>O racismo, segundo Santos, seria “um sistema que afirma a superioridade racial de um grupo sobre outros, esta superioridade é uma hipótese científica não provada, apesar dos esforços da ideologia do ‘colonialismo’ interessada em justificar a miséria e o atraso dos países subdesenvolvidos (...), os cientistas que se empenham em prová-la trabalham com o velho conceito de raça (conjunto de caracteres externos das pessoas) (...)” (1980, p.38-39)

A representação é, pois, um processo de produção de significados sociais através dos diferentes discursos. É através dos significados, contidos nos diferentes discursos, que o mundo social é representado e conhecido de uma certa forma, de uma forma bastante particular e que o eu é produzido. E essa forma particular é determinada precisamente por relações de poder. (p.199)

A partir dessas considerações, ressaltamos que as relações de poder que se estabelecem em sala de aula são mediadas pelo professor, pois ele é quem vai permitir ou não que um aluno branco pode discriminar um colega negro, da mesma forma que ele escolhe como trabalhar temas que se referem à participação dos negros na História do Brasil. Essas decisões, por sua vez, dependem do olhar do professor sobre as relações raciais na sociedade e terão uma repercussão direta no processo de construção da identidade étnica e da auto-estima das crianças negras.

Diante dessas questões, ressaltamos que o professor tem um papel importante no momento em que intervém em situações de discriminação racial na sala de aula, desmitificando estereótipos presentes no imaginário das crianças sobre ser negro, mostrando às crianças negras que elas têm o seu valor e estimulando a construção da sua identidade étnica. Além disso, é importante que o professor tenha conhecimentos sobre como se desenrolam as relações raciais na escola, possua o discernimento adequado na seleção e tratamento de conteúdos curriculares e a preparação necessária para intervir em momentos de conflito entre os alunos, momentos nos quais a discriminação racial emerge com todo o seu potencial para fragmentar a auto-estima e identidade das crianças negras.

## **A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA NEGRA: O PAPEL DO PROFESSOR**

O processo de construção da identidade étnica dos alunos negros se relaciona diretamente com a construção de sua auto-estima. Isso porque a palavra negro sempre é associada a coisas negativas como, por exemplo, quando as pessoas utilizam expressões do tipo “tive um dia negro”, ou “só podia ser coisa de negro”. Essas considerações são relevantes, pois, desde a sua origem, o termo *negro* possui um sentido negativo, pejorativo, porém hoje foi ressignificado pelo Movimento Negro, que lhe atribuiu um sentido positivo e político. No entanto, sabemos que a referência ao povo negro nos currículos escolares é feita somente quando se fala da abolição da escravidão no Brasil, sempre na condição de “escravo”, como se essa fosse a sua condição primeira. Com isso, o negro sempre foi tratado nos currículos de forma estereotipada e racista.<sup>2</sup>

Desse modo, a escola, negligenciando toda a história dos negros no Brasil, uma história de lutas e resistência cultural, afasta dos alunos negros referências positivas para a construção de sua identidade étnica. Sabemos que, desde os primeiros anos de escolarização, a criança negra é exposta ao preconceito racial na escola onde, geralmente, está sujeita a situações de discriminação racial até mesmo em sala de aula. No entanto, observamos que a escola é omissa quanto ao seu dever de mostrar à criança negra a efetiva participação dos negros na construção do Brasil, negando-lhe as referências étnicas e culturais de um povo que resistiu à Escravidão até o fim do sistema. Isso porque, além de ocultar essa importante parte da história do Brasil, a

---

<sup>2</sup> Segundo Silva (1995a: 43), “o estereótipo é uma visão simplificada e conveniente de um grupo qualquer, utilizada para estimular o racismo. Ele constrói idéia negativa a respeito do outro, nascida da necessidade de promover e justificar a agressão (...)”.

escola omite a emancipação dos negros na atualidade e a sua participação na sociedade na produção de conhecimentos, como agentes e sujeitos de construção e transformação.

Sobre essas questões, Botelho (1999) nos alerta que “o aluno negro é conduzido a negar a identidade de seu povo de origem, em favor da identidade do ‘outro’ – o branco – apresentado como superior”. (p.28). Diante dessas considerações, acreditamos que a construção da identidade étnica da criança negra requer a assunção de sua negritude, de seu cabelo crespo, sua cor da pele como elementos positivos, contrapondo as referências pejorativas, sempre feitas a essas características físicas que denotam a semelhança com as diversas etnias africanas que estiveram no Brasil durante a vigência do sistema escravista.

### ASSUMINDO A NEGRITUDE E CONSTRUINDO A IDENTIDADE NEGRA

O conceito de negritude que utilizamos nesse estudo relaciona-se com o processo de construção da identidade negra da criança. Empregamos o termo com base nos estudos de Bernd (1988), que nos apresenta duas acepções bastante adequadas a essa analogia que fizemos. Desse modo, nesse texto, a palavra **negritude** se refere ao entendimento tanto da tomada de consciência da condição de ser negro para uma pessoa, quanto como um momento pontual na construção da identidade negra, pois entendemos que os dois processos não estão descolados. Essa questão é relevante, pois acreditamos que, à medida que o negro constrói a consciência do processo discriminatório a que é submetido e suas causas, esse momento também representa um marco na construção de uma identidade étnica que leva o sujeito a assumir a sua descendência africana, sua cor da pele, seu cabelo crespo, retirando toda a carga negativa contida nessas características físicas.

Além disso, esses processos envolvem uma postura política de enfrentamento a qualquer tipo de discriminação ou preconceito com base em argumentos raciais que defendem que o negro é incapaz, não pode estar nos postos de poder da sociedade, entre outras narrativas que contribuem para fragmentar a identidade dos negros e sua auto-estima.

Queremos chamar a atenção para o papel do professor nesse processo de construção da identidade da criança negra, pois acreditamos na relevante influência desse sujeito na socialização da criança na escola. Essa influência se evidencia no tratamento dispensado às questões relacionadas ao negro e dispostas tanto no currículo explícito quanto no currículo oculto. O currículo oculto tem como fonte as relações sociais desenvolvidas na escola e seus elementos são as atitudes, gestos, posturas e valores que procura afirmar. Esses fatores influenciam diretamente na construção da identidade auto-estima das crianças negras, pois representam a forma como as crianças são tratadas e como se desenvolvem as relações entre os sujeitos na escola.

Essas considerações são pertinentes, pois, se partirmos do pressuposto de que o espaço da sala de aula não se constitui em um local onde apenas se transmitem conteúdos, devemos considerar que, nesse espaço, a criança também aprende, entre outras coisas, que ser negro pode ser bom ou ruim ou que se pode discriminar os negros através de apelidos conferidos aos colegas, por exemplo. Entretanto, Silva (2002) nos alerta que é preciso “desocultar” o currículo oculto para que ele perca a sua eficácia.

Desocultar esse currículo para nós representa o fato de o professor não ignorar as diferenças étnicas entre os alunos e procurar trabalhar essas questões com as crianças com o objetivo de que as crianças negras possam construir a sua identidade negra de forma saudável e que as não-negras aprendam a conviver com a diferença. Representa ainda o professor estar

atento a situações de discriminação entre os alunos, ao tratamento dispensado por ele às crianças negras e aos conteúdos relacionados ao negro no currículo.

No entanto, a maioria dos educadores insiste em ignorar a diferença étnica existente entre os alunos, evitando tratar o assunto de forma crítica. Botelho (op. cit., p.28-29) discute a omissão dos professores no trato com a diversidade étnica em sala de aula quando afirma que “o silêncio dos professores perante situações de discriminação impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros.”

Acreditamos que, para que a problemática das relações raciais seja trabalhada na escola, necessitamos que o professor esteja preparado para lidar com a temática em sala de aula e opte por não silenciar diante de situações onde haja discriminação racial entre as crianças. Considerando essas questões, enfatizamos a necessidade da discussão sobre a importância da existência de elementos na escola para que os alunos construam uma identidade étnica e possam ter prazer em estar num espaço onde sejam reconhecidos e valorizados.

## **AS PROFESSORAS ASSUMEM A SUA NEGRITUDE**

O fato de a professora se assumir como negra pode se configurar como um elemento importante na discussão sobre a construção da identidade étnica e auto-estima da criança negra na escola, pois permite que esta tenha um outro olhar sobre as questões relacionadas às relações raciais na sociedade. Ao longo das entrevistas, percebemos, nos discursos das docentes, uma clara referência à sua caracterização étnica como um fator que influencia a sua prática. Acreditamos que essa consciência racial é necessária para que o trabalho com as crianças na escola seja realizado com sucesso, já que as professoras representam referências para o processo de construção de identidade étnica dos alunos.

Entretanto, temos que estar atentos para a importância política da assunção da negritude por parte das docentes, pois esse é um ponto importante para a nossa discussão. Isso porque acreditamos que, se os professores pretendem desenvolver um trabalho no qual a criança construa a sua identidade, eles devem ter uma definição étnica. Até porque, se o professor não acredita que ser negro é bom, que os alunos devem orgulhar-se de serem afro-descendentes e devem assumir a sua negritude, o seu discurso se mostra vazio de significados para as crianças.

Em nossa pesquisa evidenciamos que todas as professoras afirmaram a sua identidade étnica ao longo da sua experiência na escola. Entretanto, observamos que nenhuma delas demonstrou uma reflexão maior sobre o significado da sua condição de mulher negra e professora. Essa questão foi amplamente discutida por Gomes (2001, p.79) quando a autora constata que “(...) as professoras não associam a escolha profissional do magistério a uma conquista da mulher negra e nem a um rompimento com o espaço imposto a ela pela sociedade racista brasileira: mucama, ama-de-leite e objeto sexual”.

Acreditamos ser necessária essa reflexão, pois o papel dessas mulheres nessa escola representa uma conquista profissional de grande importância para a educação das crianças negras. Referimo-nos ao papel das professoras negras, a despeito da crescente desvalorização do professor nos dias atuais, pois sabemos do lugar ocupado pela maioria das mulheres negras no mercado de trabalho como doméstica e serviçal. Assim, estar na condição de educadora deveria representar para elas um espaço de afirmação. No entanto, não basta apenas que a professora se considere negra, é preciso que ela reflita sobre questões, tais como o processo de exclusão a que o negro é exposto, a discriminação racial que vitima o negro, a situação da mulher negra hoje, entre outras questões, que, sem dúvida, problematizam a sua prática.

O que queremos chamar a atenção sobre a caracterização étnica das professoras é que esta representa um fator importante desde que tenha respaldo numa reflexão crítica, desde que a professora saiba do poder político que ela tem em sala de aula. O poder de educar crianças, ensinando-lhes que elas são capazes, mostrando-lhes a diferença, ajudando-as a construir e afirmar a sua identidade negra, aceitando seu cabelo e a cor de sua pele. A auto-identificação das docentes entrevistadas como negras representa para nós um fator que contribui fortemente para a realização da proposta pedagógica da escola na qual estas profissionais estão inseridas.

## **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA E AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA NEGRA NA ESCOLA: O OLHAR DAS PROFESSORAS.**

A proposta pedagógica da escola na qual os sujeitos dessa pesquisa estão inseridos difere muito das demais escolas por ter como eixo principal a afirmação da identidade negra através do resgate da história e da cultura afro-brasileira. Essa proposta se revela como uma inovação em termos de educação para as crianças negras das camadas populares. Entretanto, a preocupação em trabalhar no currículo questões relacionadas ao negro se constituiu para as professoras como uma dificuldade, fruto de uma situação nova, nunca antes trabalhada por elas em outras escolas. Essa dificuldade se deve ao fato de que os currículos escolares ignoram a presença do negro na História do Brasil ou se referem a ele em momentos pontuais de forma superficial e estereotipada, tais como o dia treze de maio ou o dia do folclore.

Essa lacuna está presente nos currículos de formação de professores que também não dispõem de conteúdos que instrumentalizem os docentes para trabalhar a questão. A experiência das professoras de ensinar apenas em escolas que não têm a preocupação em discutir a problemática das relações raciais em sala de aula está explicada nas palavras de Santomé (1995, p.161) quando ele diz que:

(...) não podemos esquecer que o professorado atual é fruto de modelos de socialização profissional que lhe exigiam unicamente prestar atenção à formulação de objetivos e metodologias, não considerando objeto de sua incumbência a seleção explícita de conteúdos culturais (...). Ao mesmo tempo se criou uma tradição na qual os conteúdos apresentados nos livros didáticos aparecem como *os únicos possíveis, os únicos pensáveis* (grifo do autor).

Os modelos de socialização profissional a que o autor se refere se constituem para as professoras como escolas onde não existe espaço para a reflexão sobre a questão do negro nos currículos. O costume vivenciado pelas docentes que as leva a pensarem em objetivos e metodologias aplicáveis apenas aos conteúdos dos livros didáticos está explícito no discurso de uma professora quando ela se refere aos chamados “conteúdos básicos” tratados nas escolas particulares. Desse modo, os professores, em geral, estão acostumados a estruturar sua prática pedagógica, considerando apenas a dimensão dos conhecimentos institucionalizados, legitimados ao longo do tempo e dispostos nas diferentes disciplinas que compõem os currículos escolares.

No entanto, ao refletirmos sobre o significado desses conteúdos básicos, erigimos as seguintes questões: será que identidade étnica e auto-estima da criança negra também não seriam conteúdos curriculares relevantes? O que está por trás do discurso da professora quando ela se refere aos conteúdos básicos, descolando-os de uma questão tão importante como a identidade da criança? Segundo Santomé (op.cit, p.166), “o ensino e aprendizagem que ocorrem nas salas de

aula representam uma das maneiras de construir significados, reforçar e conformar interesses sociais, formas de poder, de experiência, que tem sempre um significado cultural e político”.

Pensando no significado cultural e político de não considerarmos como questão básica na educação para a criança negra, a construção da sua identidade e auto-estima, deparamo-nos com o processo de inferiorização do negro, de negação de sua potencialidade, isto é, com as interpretações que argumentam que o negro é incapaz, não deve ter visibilidade, não pode ocupar postos de poder. Estas interpretações são as mesmas que traduzem déficit (em deficiência) e diferença em desigualdade, contribuem para a manutenção da ideologia racista que permeia a sociedade brasileira e servem de respaldo para o argumento de que falar de negro na escola é uma coisa banal, de menor importância, portanto, deve ser evitado.

Partindo dessas considerações, questionamo-nos se não são essas mesmas interpretações que contribuem para a disseminação da idéia de que “é ruim ser negro”, e com os demais estereótipos criados para inferiorizar os negros e que contribuem para fragmentar a identidade e auto-estima da criança negra. As dificuldades encontradas para a realização de um trabalho que busque a construção da identidade étnica e auto-estima do negro têm sua origem num círculo vicioso produzido pela ideologia racista que se manifesta na formação do professor, passa pela organização curricular dos cursos, nos diversos níveis de ensino, reproduz-se e se perpetua nas salas de aula no trabalho com as crianças.

## **A AUSÊNCIA DE ESTUDOS SOBRE O NEGRO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

Para que um professor desenvolva um trabalho em sala de aula na perspectiva de resgate da cultura negra, da construção de identidade e da auto-estima das crianças negras, ele precisa, antes de tudo, ter conhecimentos teóricos sobre a questão do racismo brasileiro e seus desdobramentos. O que se coloca como dificuldade primeira é: como e onde adquirir esses conhecimentos? Fazendo essa indagação, talvez, a resposta seja que o professor deve ter esses conhecimentos a partir de sua formação inicial. Entretanto, sabemos que, mesmo nos cursos superiores, também existe a ausência de estudos sobre as relações raciais na sociedade.

Dessa forma, há uma “naturalidade” quanto ao fato de não se falar de negro na escola que prejudica o questionamento. Isso porque sabemos que existe a necessidade de trabalhar essa temática na escola, no entanto, as propostas educacionais que são um contraponto a essa situação são ainda muito pontuais e isoladas e enfrentam muitas dificuldades para se manterem como instituições de educação formal e informal.

Nesse contexto, um educador que pretende desenvolver um trabalho voltado para a construção da identidade étnica e auto-estima da criança negra deve ter pelo uma compreensão sobre as relações raciais na sociedade para que sua ação pedagógica esteja fundamentada teoricamente e tenha intencionalidade. A ausência de uma reflexão nos depoimentos das docentes entrevistadas sobre os saberes necessários a um educador para que ele construa sua prática, selecione e trabalhe conteúdos e atue como mediador do processo de construção da identidade da criança negra se constitui como um sintoma que evidencia as causas da dificuldade em trabalhar com essa temática em sala de aula.

Uma outra questão importante evidenciada nos discursos das docentes foi a autoformação. Sabemos que a formação intelectual dos sujeitos para o trabalho com a identidade étnica é representada por uma busca pessoal de conhecimentos sobre a temática associada à militância no Movimento Negro. É um fato a ausência de conteúdos nos currículos escolares que permitam uma reflexão sobre as relações raciais na sociedade brasileira e seus desdobramentos

na escola. Dessa forma, analisando os relatos das docentes entrevistadas, verificamos que a formação sobre relações raciais ocorre por iniciativa pessoal dessas professoras, pois, em seus depoimentos, elas argumentam que foram buscando os conhecimentos ao longo do trabalho na escola, de acordo com a necessidade.

Diante dessas considerações, podemos inferir que o trabalho com a temática das relações raciais em sala de aula, mesmo nessa escola com uma proposta pedagógica direcionada para a questão, depende da sensibilidade e interesse pessoais do professor. As dificuldades encontradas pelas professoras para tratar a temática se relacionam com o acesso aos saberes que permitam realizar o trabalho. Entretanto, acreditamos que essa formação por conta própria carece de sistematização, reflexão e construção crítica de posturas e estratégias de intervenção junto aos alunos. Por outro lado, temos que reconhecer que essa busca pessoal pelos conhecimentos para trabalhar a questão do negro em sala de aula representa um avanço na discussão sobre o papel do professor diante dessas questões.

## A AUTO-REJEIÇÃO DA CRIANÇA NEGRA

A proposta de construção de identidade e da auto-estima da criança negra na escola se configura como um instrumento de enfrentamento à auto-rejeição a que as crianças negras são submetidas. Essa auto-rejeição da criança negra foi um ponto que esteve presente nos discursos das docentes. Diante das situações explicitadas ao longo de nossa investigação, acreditamos ser necessário que o professor construa uma estratégia de intervenção pautada numa referência, num conhecimento construído sobre os motivos de uma criança negra não se aceitar como tal, porque o processo de auto-aceitação do negro não é uma experiência fácil.

A construção da estima da pessoa negra é perpassada por diversos fatores sociais e emocionais, pois o negro passa a vida inteira, sofrendo com as heranças do processo de inferiorização imposto aos descendentes de africanos, desde a época da escravidão até os dias atuais. Dessa forma, para uma criança negra, é muito difícil construir uma auto-imagem positiva diante de tantos apelos negativos, que estimulam a rejeição dos seus traços físicos como a sua cor e o seu cabelo.

Segundo Sant'Ana (2001, p.52), "o racismo que o negro sofre passa pela cor de sua pele. Este racismo tem um conteúdo cultural muito forte. (...) Há uma violenta carga emocional em torno de sua cor". Como este autor nos mostra, os negros vivem num "mundo branco", que persegue o ideal de branquitude. O padrão de beleza eurocêntrico incentiva que os negros rejeitem as suas características físicas e tenham que passar a vida imitando, tentando se parecer com o branco. Desse modo, a estética é um dos elementos mais problemáticos para o negro, pois são as marcas que o identificam. A cor da pele, o cabelo, boca, nariz, a aparência são as marcas do discriminado, isto é, logo são postas em evidência no ato da discriminação.

Um trabalho intensivo, cuja preocupação maior seja mostrar à criança a sua condição de pessoa negra, a sua beleza e a sua potencialidade, favorecem a construção da auto-estima. Assim, ao observarmos as estratégias utilizadas pelas professoras, identificamos que é preciso uma reflexão crítica sobre o que está por trás da auto-rejeição da criança, porque, a falta de preparo para lidar com a construção da identidade da criança negra leva as professoras a assumirem posturas autoritárias e, muitas vezes, vazias de significado. Essa questão está explícita no discurso de uma das entrevistadas que afirma: (...) *se eles tiveram parentes que foram negros, eles também são negros.* (Patrícia)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Usamos nomes fictícios.

Nesse trecho de seu discurso e em todas as suas considerações, essa docente não demonstrou uma reflexão maior sobre essa atitude de “dizer ao aluno que ele é negro”. Acreditamos que o processo não é tão simples assim. Pior, observando como a docente se posiciona diante da questão, parece-nos mais uma imposição: você é negro e acabou, aceite-se como tal! Esse é um dos perigos de uma ação pedagógica com ausência de reflexão, que se constrói com ausência de significado para a criança.

O que queremos ressaltar é que, para que ocorra essa identificação, é preciso que se realize um trabalho de resgate da estima dessa criança, procurando “positivar” sua negritude. Segundo Andrade (2001, p.115), uma das formas de trabalhar a estima da criança negra consiste em “positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negros.” Fazendo isso, o professor poderá, a partir da História do Brasil, dos personagens negros que simbolizaram a resistência à escravidão e ao racismo, estimular a criança a construir uma outra visão sobre o fato de ser negro.

Mas quais outras formas possíveis de trabalhar a identidade da criança?

É por isso que eu boto o espelho na sala, não é por vaidade não. (...) Tem dias que o menino chega aqui e não quer fazer nada, você acredita? Não quer fazer nada mesmo. (...) Então... aí... ‘ó’ como você é bonito? (Vanessa)

O uso do espelho foi uma estratégia de intervenção que emergiu no discurso dessa docente com uma conotação bastante crítica. Do depoimento acima, podemos inferir que a docente faz uma relação entre a auto-estima da criança, a sua vontade de aprender e de estar na escola. Ela julga que o aluno não quer aprender, pois se sente feio e usa como estratégia, para contornar a situação, dizer ao aluno que ele é bonito, que ele é capaz, utilizando o espelho.

Observando essas diferentes posturas das docentes nos questionamos: qual o significado dessas intervenções para a criança negra? No primeiro caso, a professora age de forma bastante autoritária e sua postura representa uma forma de dizer, em outras palavras, que a criança *vai ter que* aceitar essa “coisa” de ser negro, pois não tem como fugir disso, como se fosse ruim ser negro. Essa atitude representa uma forma de estigmatizar a criança, pois traz em seu bojo uma representação racista do tipo: “você tem que saber o seu lugar” ou “você é negro e não pode fugir disso”, “assuma a sua condição de inferioridade”. Essas considerações devem ser visualizadas em situações em que uma criança negra rejeita sua cor, e a professora lhe aponta o dedo dizendo: “você é negro e pronto, aceite isso!”.

Nesse contexto, acreditamos que essa atitude de impor à criança que ela é negra não representa uma forma de afirmação de identidade. Ao contrário, reforça uma atitude racista que sugere conformação, pois “o negro deve se conformar em ser inferior, em ser estigmatizado pela sua cor”. A postura da professora, ao usar o espelho, representa uma ação pedagógica com uma repercussão bastante positiva na construção da identidade e da auto-estima da criança negra. Dessa forma, cabe aprofundarmos as reflexões sobre a preparação do professor para lidar com as dificuldades referentes à articulação dos seguintes pontos: as lacunas na sua formação inicial, a falta de conteúdos sistematizados nos livros didáticos, que permitam o trabalho em sala de aula e a compreensão sobre as causas da fragmentação da identidade da criança.

## CONCLUSÃO

A obrigatoriedade da inserção da cultura negra nos currículos escolares, a partir da lei 10.639/03, representa um grande desafio para a educação brasileira, pois requer um movimento

de reestruturação em todos os níveis do sistema educacional para que seja efetivo o ensino da História e Cultura afro-brasileira nos currículos de ensino fundamental e médio. Além disso, a presença de conteúdos sobre a África nos currículos escolares representa ainda uma vitória do Movimento Negro na luta por políticas de reparação pelos danos materiais, psicológicos, sociais, políticos e educacionais que vitimaram os negros durante e após o regime escravista.

No entanto, os dados evidenciados nesse trabalho nos mostram que ainda há muito a ser feito na construção de uma educação que desmonte a ideologia racista que permeia a sociedade e que resgate a auto-estima e identidade étnica do povo negro, porque, temos ainda que lutar contra o racismo introjetado na sociedade, que respalda o preconceito racial e as práticas de discriminação. Podemos fazer isso desconstruindo estereótipos em relação ao negro, valorizando as raízes africanas da nação brasileira, destacando as contribuições do povo negro na construção do Brasil.

Essas considerações são importantes, pois, se observarmos os dados evidenciados nesse estudo, como, por exemplo, a auto-rejeição da criança negra e sua relação com a aprendizagem na escola, poderemos associá-los aos altos índices de evasão escolar entre as crianças negras que comprometem a sua escolarização. Essa associação é relevante porque, entre outros fatores que contribuem para o afastamento do negro do quadro educacional, temos os conteúdos organizados numa perspectiva eurocêntrica e os livros didáticos que não fazem referências aos negros, senão como ex-escravos, como se essa fosse a sua condição primeira.

Dessa forma, a construção da identidade étnica e da auto-estima da criança negra na escola representa um processo que requer a compreensão do professor para lidar com as questões relacionadas ao negro na sociedade brasileira. Entre essas questões, temos a discriminação racial, os estereótipos que inferiorizam os negros, a situação de desigualdade social em que vivem e os padrões estéticos que contribuem para um processo de autonegação e fragmentação da identidade do negro.

O que queremos ressaltar é que a criança negra se vê cercada de estereótipos, imagens fixas e negativas sobre os negros como pobre, ladrão, preguiçoso, feio. Dessa forma, não é difícil identificar as causas de uma criança não querer ser negra, não assumir a sua negritude. Acreditamos que, para que uma criança negra construa a sua identificação étnica na escola, ela precisa ter referências, ter conhecimentos sobre o povo negro e a sua história de resistência no Brasil, para se sentir capaz de aprender e produzir conhecimentos. Entretanto, para que esse conteúdo seja trabalhado em sala, é preciso que o professor tenha acesso a esses saberes a partir de sua formação inicial.

Essa questão é de extrema relevância, pois evidenciamos em nosso estudo que o acesso a estudos sobre o negro ocorre, geralmente, por iniciativa própria do professor que milita no Movimento Negro ou que tem a percepção sobre como se caracterizam as relações étnico-raciais na sociedade brasileira. Dessa forma, a questão emergencial nesse momento é a criação de estratégias de formação de professores para trabalhar a temática das relações raciais na escola, articulando ações de formação inicial e continuada.

Além disso, a produção de recursos didáticos que sirvam de apoio para o trabalho do professor em sala de aula tais como mapas, atlas e livros didáticos, deve ser uma exigência do sistema educacional de ensino às empresas de produção editorial. As ações de formação inicial se inserem numa discussão muito mais ampla a respeito da inserção da temática história e cultura afro-brasileira nos currículos de licenciatura e bacharelado. Essas ações são imprescindíveis, pois, como observamos nesse estudo, é um fato a ausência de estudos sobre o negro nos cursos de formação de professores.

Diante dessas questões, a proposta pedagógica da escola na qual fizemos a coleta de dados para a realização dessa pesquisa se caracteriza como uma postura de vanguarda. Isso

porque, desde 1997, o projeto político pedagógico da escola se encontra em intenso processo de implementação, buscando formas de operacionalizar um currículo de educação formal pautado na cultura negra afro-brasileira. As questões que emergiram dos discursos dos sujeitos dessa pesquisa representam os obstáculos a serem enfrentados por um projeto de educação comprometido com o resgate da cultura africana na escola e a construção de uma pedagogia afrocentrada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a auto-estima da criança negra.** In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BERND, Zilé. **O que é negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOTELHO, Denise Maria. **Educadores e Relações Raciais.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo, 9 (2), 1999.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **O Processo de Socialização na Educação Infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo, 9 (2), 1999.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação.** In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In.: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático.** Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais e Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1995a.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo e Identidade Social: territórios contestados.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas em Sala de Aula.** Petrópolis: Vozes, 1995b - 190-207.